

O LUGAR COMO MEDIAÇÃO NA ABORDAGEM DE CONCEITOS E TEMAS DA GEOGRAFIA ESCOLAR¹

Caio Santos Rodrigues²

Ronaldo Santos Costa Junior³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma discussão do conceito de lugar na perspectiva da Geografia humanista e da Geografia escolar, vinculando às dimensões fenomenológicas da realidade do estudante e à educação geográfica, na possibilidade de uma leitura dos espaços vividos de forma próxima à dinâmica cotidiana dos estudantes, pois, tal relação está fundamentada nos princípios de uma abordagem que valoriza as geografias vividas no espaço-tempo em que foram experimentadas. Apoiado nessa corrente, entende-se que as vivências e experiências – produto da geograficidade – são elementos constitutivos do espaço mais imediato de cada sujeito. Dessa forma, esse trabalho propõe uma articulação dessa dimensão no processo de ensino/aprendizagem dos conhecimentos geográficos. A compreensão de conceitos/categorias configura-se como um desafio para o educando. Partindo dessa premissa, defende-se uma abordagem que pode ter como ponto de partida a própria existência do sujeito no mundo. O itinerário percorrido na produção deste texto deu-se a partir exclusivamente de pesquisa bibliográfica. Sendo assim, alguns autores e autoras nortearam as reflexões tecidas: Relph (2014), Tuan (2013), Marandola (2021), Marandola e Oliveira (2019), Massey (2008), Callai (2010). Nesse aspecto, esse caminho possibilitou diálogos em torno de temáticas inerentes à geograficidade do estudante, contemplando dimensões que emergem do lugar de vivência.

¹ Este trabalho é decorrente das leituras, discussões e experiências vivenciadas, no componente curricular *Alteridade, Território e Lugar*, do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET), vinculado ao Departamento de Ciências Exatas e da Terra (DCET), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus I*, Salvador.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET/UNEB. E-mail: caio.santos83@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET/UNEB. E-mail: costaronaldo@outlook.com.br

Palavras-chaves: Geograficidade. Lugar. Ensino de Geografia.

*PLACE AS MEDIATION IN THE APPROACH TO CONCEPTS AND THEMES
OF SCHOOL GEOGRAPHY*

ABSTRACT

This article aims to present a discussion of the concept of place from the perspective of humanist Geography and school Geography, linking it to the phenomenological dimensions of the student's reality and geographic education, in the possibility of reading the spaces lived in a way that is close to the daily dynamics of students. students, because such a relationship is based on the principles of an approach that values the geographies experienced in the space-time in which they were experienced. Supported by this current, it is understood that the experiences – product of geographicity – are constitutive elements of the most immediate space of each subject, thus, this work proposes an articulation of this dimension in the teaching/learning process of geographic knowledge. Compression of concepts/categories is a challenge for the student. Based on this premise, an approach is defended that may have as its starting point the very existence of the subject in the world. The itinerary covered in the production of this text was based exclusively on bibliographical research. Therefore, some theorists guided the woven reflections: Relph (2014), Tuan (2013), Marandola (2021), Marandola and Oliveira (2019), Massey (2008), Callai (2010). In this regard, the path enabled dialogues around themes inherent to the student's geography, contemplating dimensions that emerge from the place where they live.

Key Words: *Geographicity. Place. Geography Teaching.*

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O mundo contemporâneo é caracterizado como “confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2020, p. 17), marcado pelas incongruências de um mundo dito globalizado pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pelas mudanças nos modos de produção/reprodução do capitalismo, pelo neoliberalismo que vem ganhando mais força a cada dia com impactos diretos na vida das pessoas, nos serviços

públicos, na educação, no currículo das escolas e, conseqüentemente, na formação dos professores. Nesse contexto, é importante pensar qual é o papel da disciplina de Geografia na educação básica.

Em meio a essa problemática, os debates na área de educação ganham ainda mais força, sobretudo em torno do processo de ensino-aprendizagem e da formação de professores. No âmbito da Geografia escolar esse cenário se repete, refletido pela quantidade demasiada de trabalhos científicos publicados a respeito dessa seara. Este trabalho também se propõe tecer reflexões nesse sentido – processo de ensino e aprendizagem na Geografia – contudo, apresentando as contribuições da corrente da Geografia humanista, articulando o lugar e as geografidades com a educação geográfica.

De acordo com Callai (2011), a Geografia é composta por uma constelação de conceitos/categorias – Espaço, Lugar, Território, Paisagem, dentre outros – que servem de base para os conteúdos específicos e se constituem em ferramentas para a análise geográfica. Dentre os conceitos/categorias citados, o Lugar assume uma posição privilegiada dentro da Geografia, pois “seu estudo reverte-se em analisar os significados construídos no espaço, englobando em especial, as facetas do mundo vivido e da experiência, aspectos que são bastante valorativos em uma perspectiva de ensino” (SUESS; LEITE, 2018, p. 02).

São inúmeras compreensões acerca do conceito do lugar. Permeia-se em várias correntes do pensamento geográfico, mas, esse trabalho centra-se em uma concepção de base fenomenológica e humanista no qual o lugar apresenta-se como lócus da existência/experiência cotidiana, como destaca Relph (2014, p. 29), mencionando que o “lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como a experiência se abre para o mundo”. Desse modo, esta escrita propõe uma articulação das vivências e experiências do educando como ponto de partida na abordagem do conceito de lugar.

A construção dos conceitos geográficos no ensino de Geografia possibilita, ao estudante, uma leitura dos espaços da vida (SOUSA, 2015) e de seus fenômenos por um viés crítico, reflexivo e humanista (CAVALCANTI, 2012). Porém, o processo de apreensão e reelaboração desses conceitos, pelo educando, é complexo e acontece de forma gradual, podendo ser incorporado

ou estabelecendo como ponto de partida as “[...] significações cotidianas e enriquecendo-as pelas significações científicas e, a partir disso, formar novos conceitos que lhe darão referência e estruturação” (CALL, 2003, p. 80).

A busca por metodologias que elevem a reflexão dos educandos sobre o mundo que os cerca e a compreensão da geograficidade que emerge das experiências dos seres-no-mundo (MARANDOLA; OLIVEIRA, 2009), fomenta a busca de maneiras que possibilitem apresentar/ensinar temáticas que formem um sujeito crítico perante a sociedade em transformação. Nesse sentido, será discutido o conceito de lugar na perspectiva da Geografia humanista e fenomenológica, destacando concepções que contribuem para compreensão dos artefatos da dinâmica cotidiana dos estudantes, no intuito de formar novas interpretações e direcionamentos para apreensão dos conceitos e temas da Geografia, pois, ao associar temáticas inerentes aos espaços que ocupam, vivem e experienciam, dá outra perspectiva à prática educativa.

O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA HUMANISTA E NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Esta seção intenciona apresentar discussões, concepções e princípios que contemplam o conceito de lugar como cosmo da experiência cotidiana, que tem sua constituição a partir de múltiplos contextos sociais, culturais e identitários que é constituído por intermédio da experiência e dos sentidos dos seres no/do/sobre o lugar de vivência.

Por esse viés, uma escrita que segue os princípios de uma abordagem humanista “[...] valoriza a visão de mundo das pessoas, refletida na valorização do lugar como objeto de investigação” (CAVALCANTE, 2016, p.15). O lugar representa e revela situações dos seres, experiências que são concebidas nas práticas de existência, categoria que não se limita à localização, vai além do ato de se localizar, focaliza nas sensações que afloram a partir do contato com a terra. Desse modo, configura-se como relevante objeto de perscrutação, pois, “[...] dessa maneira, há destaque, na perspectiva humanística, para a dimensão experiencial e o aspecto interpretativo, pois o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas” (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p.16).

Nessa perspectiva, Marandola (2005, p. 51) aponta que:

[...] no estudo da experiência, imbricam-se os sentidos, as sensações, as percepções, as cognições e as relações entre diversos polos que podem ser tanto complementares quanto concorrentes: tempo-espaço, subjetividade-objetividade, história-memória, indivíduo-sociedade.

De fato, as dimensões existenciais que são constituídas no dia a dia, cotidianamente, na relação do ser com o mundo, revelam-se um objeto de investigação potente para a Geografia Humanista, pois

[...] destacam-se a questão do vivido, da subjetividade e da interpretação como fundamentais para essa via de investigação. No esforço e no empenho de definir a Geografia Humanística, verifica-se como ponto comum a visão e a procura da compreensão da totalidade do homem e de tudo que o cerca (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p.16).

Nesse percurso, no qual evidencia a condição humana, e considera as experiências dos seres como artefato de investigação, reforça-se a apreensão dessas dimensões que partem do lugar para a compreensão dos espaços vividos, pois, o texto intenciona em suas escritas apresentar uma Geografia vivida que represente a circunstancialidade dos seres-em-situação (MARANDOLA, 2021). Desse modo:

[...] abre caminhos também para consolidação de uma Geografia Humana dos espaços vividos, garantindo momentos fenomenológicos em nossas pesquisas, para revelar os paradoxos do cotidiano, assumindo o estranhamento e a surpresa como forma de compreensão da realidade (SERPA; 2019, p.32).

Uma pesquisa que se inclina sobre os princípios da Geografia Humanista, valoriza a experiência geográfica e abre-se para reflexão do ser no mundo. Dessa forma, a investigação da experiência move uma abordagem Fenomenológica e, “[...] à concepção de uma Geografia vivida e uma geograficidade humana que se expressa através da experiência e da ação dos seres no mundo” (SERPA, 2019, p. 22). Nesse texto, os trajetos escolhidos para delinear os escritos projetam um olhar sensível para a condição dos seres-no-mundo, pois Serpa (2019, p.23) destaca que:

A Geografia fenomenológica que se descortina a partir daí é, sobretudo, uma ontologia do espaço: um espaço que se cria e produz individualmente e socialmente em situação a partir da ação de seres humanos posicionados no mundo.

As dimensões experienciais que formam e tornam o lugar simbólico, próximo e afetivo, aproxima o sujeito de uma Geografia vivida, direcionando para o entendimento dos espaços por estes ocupados, que implicam em

territorialidades e identidade. Nesse contexto, Massey (2008) aponta que é uma construção relacional entre as dimensões destacadas, o espaço como artefato de inter-relações, inacabado, dinâmico, de multiplicidade, em constante construção. A partir dessa contribuição, propõem-se que o lugar seja compreendido pela ligação que o ser tem com o espaço (RELPH, 2014), pois “[...] o núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricável com o ser, com a nossa própria existência. [...] É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2014, p.31).

Nessa perspectiva, a do lugar construído a partir dessas múltiplas dimensões e sentidos, a concepção apresentada por Relph (2014, p. 29) destaca essa inter-relação com a prática da experiência, já que “[...] O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo”, segundo Marandola (2014), que reforça uma concepção de lugar que parte dos geógrafos humanistas, que dispõem pensar essa categoria em uma perspectiva relacional, visceral, experiencial que compõem a ideia de uma Geografia vivida, uma Geografia que representa os espaços da vida (SOUSA, 2015), que faz pensar e (re)pensar a existência do ser no mundo.

Sendo assim, apontam-se algumas concepções que reverberam o lugar na perspectiva da experiência, como ato de existir no mundo. Para Tuan (2013, p.18):

[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.

Já Dardel (2015) desenvolve seu estudo pela visibilidade da experiência no mundo, considera a relação homem-terra um elo de cumplicidade e afetividade e, a partir dessa conexão, transcende experiências mundanas e telúricas e o homem anuncia-se ao mundo enquanto vivente. Nessa intersubjetividade conectiva, afloram sensações nos seres por meio dos espaços que se desenvolvem na existência, pois:

[...] a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de

fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. [...] Entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser (DARDEL, 2015, p. 06).

A experiência das pessoas, nos seus lugares, constitui significados indissociáveis que estão imbricados profundamente e, compreendê-los separadamente, torna-se algo inconclusivo, frágil e raso. O homem e terra são unidos, terra necessita do homem para existir e vice-versa. O que transcende dessa relação, reverbera em sensações e emoções, alteridade e pertencimento, pois “[...] uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p. 02). Não estaria essa ligação efetivamente construída de elementos objetivos, concretos, materiais, mas de uma gama de artefatos subjetivos, uma intersubjetividade.

A partir desses pensamentos, que contribuem e reforçam as implicações e dimensões do conceito de lugar, que se desdobra em outras concepções de base fenomenológica, destaca-se a geograficidade, o entrecruzamento ser-tempo-espaco (MOREIRA, 2019), no qual os aspectos que constituem a essência do lugar estão fortemente ligados a: experiência, afetividade, sensação, sentido, símbolo, significados, dentre outros que representam a conexão homem-terra, pois:

A geograficidade diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implica (MARANDOLA; OLIVEIRA, 2009, p. 494).

Ainda nessa perspectiva, a geograficidade representa interpretações do espaço-tempo que resultam na compreensão da realidade, englobam os indivíduos, as experiências, as vivências que se estabelecem na prática da existência. Assim, o lugar refere-se não somente à localização geográfica em si, mas, também, aos encadeamentos experienciais, existenciais, a uma essência que emerge por intermédio do ser, compreendida desse modo como prática espacial.

A geograficidade estende-se em todas as ações dos seres nos lugares da vida: as experiências vividas, os significados constituídos, os sentidos que afloram, as sensações por intermédio das relações, e entre muitos outros artefatos existenciais, a geograficidade revela-se na prática espacial, nos

lugares simbólicos e afetivos. “O lugar nessa óptica é o local que possui significados construídos por indivíduos e/ou grupos sociais, portanto, envolve amor e ódio, acordos e desavenças, ambiguidade e ambivalência, segurança e liberdade, experiência no dia a dia [...]” (SUESS; RIBEIRO, 2017, p. 03).

Os seres carregam as experiências dos lugares vividos e as levam para tantos outros lugares. Experimentar os cotidianos, os espaços e os modos de existência agregam novas perspectivas e reflexões sobre a condição humana. Um ponto importante a destacar refere-se às memórias, experiências, afetos que são elementos constitutivos do sentido de lugar e o ato de conversar, sentir e vivenciar momentos em determinados lugares, contribuem para composição de um acervo memorialístico da experiência.

As pessoas se ressignificam a cada circunstância experienciada no lugar, pois viver simboliza experienciar o mundo, o abrir-se para esse fato, reinventar-se a cada situação ocorrida no lugar e se autocompreender a cada fato vivenciado. Destacam-se dois pontos de vista para o entendimento da geograficidade pelo viés da experiência dos seres no mundo, demarcando como essas dimensões potencializam a compreensão da ação humana e como o lugar expressa lembranças, emoções e geograficidade.

Para Dias (2020), conversas, recordações, lembranças de fatos e acontecimentos da vida nos lugares percorridos e vividos marcam, simbolicamente, as pessoas e configura-se em experiências vividas que são perpetuadas nas paredes da memória e, ao vir à consciência, reaproxima o ser do passado para dar novos direcionamentos ao futuro.

As experiências a serem memoradas, relatam nosso espaço-tempo que foi constituído, a dimensão temporal, as ligações afetivas, o lugar que foi experienciado. O ato de conversar permite que o sujeito revele ao mundo a sua condição enquanto vivente e suas práticas espaciais, dando significado e sentido à geograficidade construída cotidianamente. O relevante, nessa tarefa, é rememorar o lugar onde brincávamos quando criança, o período de escolarização possibilitou múltiplas experiências formativas e diversas reflexões sobre os seres no mundo. As histórias de vida dialogam com o combinado ser-tempo-espaço (MOREIRA, 2019). “Aquilo que é narrado

compõe a apresentação de um mundo espaço-temporal que foi experimentado em sua temporalidade e geograficidade” (DIAS, 2020, p. 131).

“O ato de contar histórias, conversar, dialogar, permite que as pessoas troquem experiências e experienciem outras, ao conversar com amigos sobre lembranças [...] que, de algum modo, deixaram marcas” (DIAS, 2020, p. 127). Sobre os lugares, “o sujeito tem a possibilidade de refletir sobre suas vivências e experiências” (PORTUGAL, 2020, p. 35), demonstrando que a experiência nos lugares e as relações que são estabelecidas nele, dão ao ser a capacidade da “[...] autorrevelação, autoconhecimento e a busca por um ‘conhecimento de si’” (MEIRELES, 2013, p. 28).

Para Dias (2020), através do ato de lembrar, de contar as experiências no/do/sobre o lugar de vivência, revelamos nossa geograficidade, e a sensibilidade de viver no mundo, as sensações de estar em um lugar afetivo e as emoções que afetam nossa cotidianidade. Enfatiza-se, desse modo, a relevância dessa prática para apreender os modos de vivência e como o fato de contar a própria experiência dá oportunidade aos outros apreenderem e experienciarem os lugares e seus cotidianos e, além disso, permite à pessoa que revela sua geograficidade, seus anseios, suas dúvidas, suas práticas e o seu ser-e-estar-no-mundo, compreender que a partir do seu lugar pode anunciar-se ao mundo (MEIRELES, 2013).

Nessa perspectiva, Almeida (2010) reforça que:

[...] memórias e experiências são intimamente imbricadas. A memória colabora na reconstrução das experiências que, por sua vez, alimentam a memória de novas opacidades. Assim, como Larossa (2022), entendemos que a experiência é elemento de transformação do sujeito, ou seja, só pode ser considerada experiência a vivência/ação que nos transforma. [...] para que a vivência se configure em experiência formativa é preciso que haja um movimento contemplativo de reflexividade (ALMEIDA, 2010, p. 140).

Desse modo, a geograficidade está atrelada e é atravessada pelas histórias de vida, essências no mundo, pois práticas experienciais constroem tantas histórias que são enredos de geograficidade. A percepção sobre os artefatos existenciais, condição do sujeito no mundo, as circunstancialidades, dão sentido à existência e, ao mesmo tempo, liga com a terra. A busca por uma narrativa que eleva a reflexão sobre os fatos que relacionem a ligação do homem com a natureza, em uma discussão que revele sentidos, emoções e

um olhar atento à experiência enquanto prática da existência, desvendando o significado do existir.

Por esse viés, direcionam-se, nesse sentido, algumas indagações fundamentadas, a partir dos estudos de Dias (2020): como a existência entrecruza experiência, sentido, afeto, memórias e situações que revelam nosso ser-e-estar-no-mundo? Ainda nesse sentido, questiona-se como esses artefatos emergem da relação homem-terra? E como os professores podem utilizar essas maneiras de existir como artefatos na reflexão das ações humanas no lugar de vivência?

O LUGAR NA MEDIAÇÃO DE CONCEITOS E TEMÁTICAS GEOGRÁFICAS

O conceito de lugar adotado neste trabalho está atrelado à dimensão do vivido e da experiência que é o espaço mais próximo do sujeito. Este assume uma posição de centralidade, dotada de significados, marcada pelas experiências, comportamentos, crenças, valores, intenções, aspirações e símbolos (MOREIRA; HESPANHOL, 2007; TUAN, 2012). Ou seja, este “lugar” tratado aqui é a cidade, o bairro, a casa, o quarto e até mesmo o quintal. É onde as pessoas constroem seus laços afetivos, compartilham momentos, sejam eles bons ou ruins. Nessa escrita, também, adotou-se o conceito de geograficidade (DARDEL, 2015), por entender sua relevância na compreensão da relação do indivíduo com a Terra. A partir dessa leitura do lugar, fundamentada na Geografia humanista, percebe-se a sua relevância, na escola, por oportunizar o enfoque de temáticas e conceitos geográficos, por meio do lugar de vivência dos alunos e a própria compreensão do conceito de lugar, enquanto categoria da Geografia.

Ao recorrer à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no fundamental – anos iniciais para o ensino de Geografia, o documento já enfatiza a importância de uma perspectiva que contemple o espaço mais imediato do sujeito:

A ênfase nos lugares de vivência, dada no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, oportuniza o desenvolvimento de noções de pertencimento, localização, orientação e organização das experiências e vivências em diferentes locais (BRASIL, 2017, p. 368).

Desse modo, como se pode perceber, uma abordagem que suscita essas dimensões – noções de pertencimento, localização, orientação, vivências, experiências – pontuadas pela BNCC, podem propiciar a criação de uma identidade do aluno com esse campo disciplinar, nos primeiros anos do seu processo de escolarização, assim como, também, se constituir um sentimento de pertencimento em relação ao local em que vive. Para além disso, Callai (2000) reforça essa ideia, destacando que a compreensão do lugar em que vive o sujeito, possibilita conhecer a sua história e consegue compreender as coisas que ali acontecem, pois nenhum lugar é neutro e estes são dotados de histórias.

Contudo, é preciso pensar nos lugares que sejam significativos para a vida dos alunos, o seu espaço cotidiano (CALLAI, 2000). Os alunos possuem um repertório próprio de conhecimentos geográficos que devem ser levados em consideração. Na abordagem das temáticas e conceitos geográficos, pelo professor, essa estratégia não deve apenas estar concentrada em mencionar o espaço cotidiano, meramente como exemplo de forma esporádica. Deve-se trazer o aluno ao centro desse processo – ensino-aprendizagem – oportunizando momentos de fala e socialização, nos quais compartilharão os múltiplos significados sobre esses locais e, assim, compreenderão os diferentes sentidos que cada sujeito tem do lugar (SUESS, 2018).

Dialogando com essas afirmativas, Oliveira e Moura (2022, p. 28) reforçam:

[...] aprender é identificação, é descobrir-se quando se recebe algo. Não se aprende o que é transferido se isso não estiver conectado a quem aprende, ou seja, o conhecimento construído reflete o ser, as suas vivências e suas essências, do mesmo modo que se configura como sentido mútuo, uma vez que aquilo que foi descoberto ganha um novo sentido ao ser apreendido.

Porém, nada disso faz sentido se o professor não conhece o lugar, o mundo, a realidade em que seu aluno vive, seus projetos de vida, as demandas sociais, as contradições e os conflitos locais, de modo a entender de que forma influencia na dinâmica da vida desses sujeitos e na própria comunidade (SUESS, 2020). É necessário, também, que a perspectiva humanista, no ensino de geografia, atravesse todos os saberes que compõem o repertório do professor, para uma prática pedagógica fundamentada e mais coerente.

Ao pensar a respeito do lugar de vivência dos alunos, não se pode cair na incoerência de compreender este apenas como um local dotado de boas experiências. Para Suess (2018), um dos grandes problemas da abordagem desse conceito, sobretudo no campo da Geografia humanista, é a sua contribuição para uma estereotipização e romantização deste conceito. Ao pensar na educação geográfica enquanto um processo que não é neutro e que possibilita uma visão crítica e reflexiva, como pensar o lugar apenas sob esse viés? Como abordar os principais problemas, sejam eles de infraestrutura ou de cunho social? Não estaria contribuindo para uma educação alienante, ao invés de uma perspectiva libertadora e problematizadora (FREIRE, 1970)?

Para responder a estes questionamentos, Suess (2018) explica qual é o papel do professor nesse contexto. Assim disse: “Devo mediar os significados, não para estigmatizar ou supervalorizar aquele local, mas para levar os alunos a pensarem alternativas coletivas e individuais de mudanças sociais, visando a ressignificação e o bem-estar da comunidade envolvida” (SUESS, 2018, p. 05).

Nesta escrita, o lugar pode assumir duas posições distintas no âmbito da aprendizagem. Primeiro, enquanto uma categoria de análise geográfica, a partir de uma abordagem centrada no espaço mais próximo do sujeito, o aluno consegue construir saberes que possibilitem a compreensão deste. Já o segundo, compreende o lugar enquanto mediação na abordagem das temáticas da Geografia escolar (CALLAI, 2000).

Este trabalho propõe, como já foi mencionado, relacionar a geograficidade do educando às experiências constituídas a partir da vivência, no lugar íntimo (TUAN, 2013) e em particular, ao ensino de Geografia, essa articulação visa o entendimento do estudante como protagonista de sua realidade, pois “no âmbito da sua visão cotidiana e de sua movimentação diária habitual, o homem exprime sua relação geográfica com o mundo” (DARDEL, 2015, p. 31) e, a partir dessa visão, pretende-se acionar os elementos que emergem da relação com/no/do/sobre o lugar a Geografia escolar, na intenção de correlacionar os espaços da vida (SOUSA, 2015) à prática educativa.

Os elementos da espacialidade, adquiridos cotidianamente nos lugares de convívio, tidos como representação simbólica da experiência de todos os sujeitos, logo, estão relacionado às vivências dos educandos, que emergem

nos seus cotidianos e que vão representar múltiplas experiências, enquanto prática da existência. Dessa forma as memórias, vivências e símbolos podem ser utilizados como artefatos na formação a e na construção do sujeito/discente.

De modo a discutir sobre o lugar, tendo a geograficidade do educando como ponto de partida, o ensino da Geografia precisa apropriar-se dos espaços da vida dos discentes, pois são constituídos de situações, circunstancialidades, sensações e experiência a partir da relação com o lugar. Esses dispositivos apresentam caminhos para a construção de um entendimento a partir da geograficidade. Ou seja, doravante, dessa interação os alunos irão associar os espaços vividos com os conceitos/temas da Geografia.

Nesse sentido, percorre-se os princípios da formação crítica da sociedade perante os fenômenos sociais, culturais e políticos, pois:

[...] para formar um pensamento espacial, é necessário que eles formem conceitos geográficos abrangentes, que são ferramentas fundamentais para compreender os diversos espaços, para localizar e analisar os significados dos lugares e a sua relação com a vida cotidiana (CAVALCANTI, 2010, p.7).

Nessa ótica, ao entrelaçar o lugar vivido pelo estudante, na abordagem dos conceitos e temas da Geografia escolar, o professor potencializa o processo de ensino e aprendizagem. Por esse ângulo, Santos (2012, p. 109) afirma “[...] cada aluno possui uma gama de conhecimentos adquiridos na sua vivência socioespacial e que quando esta é considerada pode-se chegar a um melhor entendimento dos conhecimentos em Geografia”, permitindo que ele entenda sua espacialidade, por intermédio dela, aprimorando sua interpretação e, sobretudo, a ampliação do repertório e, dessa forma, possibilita compreender a temática.

Sousa (2015) ilustra que cabe aos geógrafos apresentar, de forma clara e sensível, o mundo aos leitores. Nessa perspectiva, torna-se atribuição dos professores estimular a discussão da dinâmica que o mundo vive, científica e tecnologicamente e apresentar com menos aridez textual aos discentes, de maneira que seja palpável, subjetivamente, a compreensão do ser e estar no mundo (DARDEL, 2015) e que os estudantes entendam que o espaço é produto de inter-relações, multiplicidade e inacabamento e que os lugares onde vivem implicam em distintas territorialidades (MASSEY, 2008) e, ao

correlacionar essas dimensões experienciadas pelos estudantes implicará no protagonismo e no enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse trabalho foi realizado o movimento de tentar articular uma discussão que apresentasse uma valorização do lugar e da vida cotidiana do estudante – entendendo esta como produto da geograficidade – no processo de aprendizagem de conceitos e temas da Geografia. Em uma busca por artigos e textos que fundamentassem essa proposição reflexiva, encontra-se um material intitulado “*A cartografia no espaço vivido dos sujeitos alunos*”, na obra “*A Construção do conhecimento cartográfico nas aulas de geografia*”, de autoria dos professores Antônio Carlos Castrogiovanni e Paulo Roberto Florência de Abreu e Silva, publicado no ano de 2020.

O artigo mencionado “*A cartografia no espaço vivido dos sujeitos alunos*” tece reflexões a respeito da cartografia vinculado ao ensino da Geografia a partir do espaço vivido, uma discussão que dialoga com a proposta defendida ao longo deste texto.

De início, os autores chamam a atenção para o cotidiano do aluno, que está no ensino fundamental, envolvido com as dinâmicas que comportam a sua vida naquela etapa – acordar, ir à escola, brincar, assistir televisão e dormir – resulta que não conseguem conhecer, de fato, o seu espaço mais imediato (CASTROGIOVANNI; ABREU, 2020). Ainda é possível pontuar, que em um contexto em que as crianças, jovens e adolescentes estão cada vez mais imersos na *internet*, seja por meio de jogos ou redes sociais, essa realidade esboçada pelos autores é cada vez mais pujante.

Nesse contexto, Castrogiovanni e Abreu (2020) ilustram que o professor de Geografia pode ser o agente do reconhecimento ou não da representatividade do território. Na discussão conduzida por esses autores é dada uma ênfase ao conceito de território, no entanto, poderiam ter se apropriado da dimensão do lugar. Destacam que o envolvimento do aluno com o lugar deve ser trabalhado com o sentido de instigar a afetividade com o espaço por eles vivenciado cotidianamente.

Nesse trabalho, esses autores também propõem algumas atividades no âmbito da alfabetização cartográfica a partir do lugar de cada sujeito, a saber: “Aprendizado dos pontos cardeais utilizando o nascer e o pôr do sol e da lua”;

Desenho do percurso de casa para a escola”; localizando a casa a partir da posição do sol nos quatro sentidos (Norte, Sul, Leste, Oeste); “brincando com a geografia à noite”.

Portanto, as práticas pedagógicas que partem da dimensão do lugar, do vívido, do cotidiano, das experiências desses sujeitos, potencializam a compreensão de outros conhecimentos geográficos, contribuindo para uma formação integral do indivíduo e o fortalecimento da sua identidade com o lugar. A perspectiva discutida aqui se apresenta como mais uma possibilidade.

NOTAS (IN)CONCLUSIVAS

A escrita deste artigo teve como objetivo principal apresentar uma discussão do conceito de lugar na perspectiva da Geografia Humanista e da Geografia escolar, vinculando às dimensões fenomenológicas da realidade do estudante e à educação geográfica. Obviamente, este trabalho não se propõe a abordar algo inédito do ponto de vista científico, acadêmico do campo do ensino da Geografia, porém, enseja reflexões que possibilitam pensar outras maneiras de se fazer Geografia na escola.

Portanto, as discussões conduzidas revelam a potencialidade do viés Humanista por possibilitar um outro olhar sobre a Geografia escolar. Dessa maneira, considerar as experiências e vivências do educando como uma possibilidade na abordagem de conceitos e temas da Geografia escolar, significa repensar outros modos de ensinar/aprender Geografia.

Nesse caso, resgatar os lugares atravessados pelos estudantes permite que eles compreendam dimensões culturais, políticas, econômicas, experienciais e existenciais a partir da própria espacialidade, sendo protagonista do processo. Interpretar sua própria condição no mundo, dá um olhar sensível aos fatos e acontecimentos que os cercam e reflete a uma autocompreensão enquanto ser, revela a sensibilidade do olhar geográfico para a experiência do homem no meio onde vive.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues. Memórias, experiência (s) e formação: uma tríade multirreferencial. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 131-150.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília-DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

CALLAI, Helena. Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 83-134.

CALL, M. M. P. Os conceitos fundamentais de geografia: uma análise dos livros didáticos. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 29, n. 01. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38745/26254>. Acesso em 05 mar. 2023.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia escolar- e os conteúdos da Geografia. **Anekumene**, v. 1, 2011, p. 128-139.

CASTROGIOVANNI, A. C.; ABREU, Paulo Roberto. A Cartografia no espaço vivido dos sujeitos alunos. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **A construção do Conhecimento Cartográfico nas aulas de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020, p.159-166.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Tiago Vieira Cavalcante. - Rio Claro: UNESP, 2016. 177 p. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas**. In: Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais, 1. 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: 2010. p. 1-16.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. São Paulo: Papirus, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares. In: PORTUGAL, Jussara. (org). **Geografias Literárias, escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 125-144.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 42.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set. /dez. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/4795/3949>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sobre ontologias. In: MARANDOLA, Jr; E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014, p. 14-17.

MARANDOLA JR, Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, vol. 15, núm. 24, 2005, p. 49-67 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3332/333260064003.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda P. Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEIRELES, Mariana Martins de. **Macabéas às vessas**: trajetórias de professoras de Geografia da cidade na roça – narrativas sobre docência e escolas rurais. Salvador: UNEB, 2013. 243 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Salvador, 2013.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, vol. 2, n. 14 São Paulo, 2007, p. 48-60.

OLIVEIRA, L. A.; MOURA, Jeani D. P. Ser-no-mundo no Ensinar e Aprender Geografia: Possibilidades para uma Educação Geográfica Humanista e Existencial. **Geograficidade**, v. 11, 2022, p. 24-36.

PORTUGAL, Jussara. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e Autobiografia. In: PORTUGAL, Jussara. (Org). **Geografias Literárias, escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-57.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; Almeida, Maria Geralda. A geografia e a literatura: Uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/21775230.2008v23n46p7>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, Jr; E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 3, set. / dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7574>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Alcineia de Souza; SUESS, Rodrigo Capelle. **O lugar e a vida cotidiana como vias para a construção do conhecimento geográfico escolar**. X fórum nacional NEPEG, 2017. Disponível em: <http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/3-201008-O-LUGAR-E-AVIDACOTIDIANA-COMO-VIAS-PARA-ACONSTRU%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SOUSA, A. N. A descrição espacial como método e representação da geografia: a imaginação e a representação histórica do espaço. In: RIOS, R.B; RIOS, K. A. N. (Orgs). **Diferentes abordagens teóricas-metodológicas na Geografia: Contribuição para novas direcionamentos**. São Paulo: Ed Livre expressão, 2015. p. 19-35.

SUESS, R. C.; LEITE, C. M. C. Lugar e Geografia Humanista: uma proposta para a Geografia Escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 22, 2018, p. 1-11.

SUESS, Rodrigo Capelle; RIBEIRO, Antonia da Silva Samir. O lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e cientificidade. **Revista Equador (UFPI)**, vol. 6, nº 2, 2017, p. 1-22. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/6121#:~:text=A%20descri%C3%A7%C3%A3o%20que%20faz%20mais,terra%20como%20lar%20das%20pessoas>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SERPA, Ângelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.